

A TIMIDEZ NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Vanuza Oliveira da Silva Mariano¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo desenvolver reflexões críticas acerca da influência que a timidez exerce no processo de aprendizagem da criança. Para tanto, entende-se a timidez como uma condição humana desenvolvida por determinados indivíduos e não como uma patologia a ser curada ou deficiência a ser superada. Acredita-se que tal característica implica em prejuízo cognitivo para quem está em idade escolar, visto que a aprendizagem torna-se significativa na interação social e, para a criança, a escola é a primeira experiência social fora de casa. É no espaço escolar que ela irá conviver com atos, gestos e pessoas diferentes daqueles aos quais está acostumada. Sendo assim, a timidez se constitui um fator prejudicial ao aprendizado, à educação e às relações sociais do indivíduo, fazendo-se necessário que o professor seja um instrumento de mediação desse comportamento ao longo do desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Educação. Timidez. Criança. Interação.

1. INTRODUÇÃO

A necessidade e a motivação de discutir acerca da timidez na escola não surgiram por acaso. Essa vontade me acompanha desde o início da graduação, visto que, enquanto na fase infantil escolar, passei por diversos constrangimentos e repreensões por parte de professores, que hoje sei terem influenciado em meu processo de aprendizagem e desenvolvimento, sendo também desencadeadores da timidez em minha vida.

¹ Acadêmica de Pedagogia da instituição Faculdade Capixaba da Serra.

O presente artigo considera a timidez sobre o ponto de vista psicológico e sócio interacional. Sendo assim, levamos em consideração a existência de três peças fundamentais dessa característica: o indivíduo, o ambiente e os processos de mediação entre indivíduo-ambiente, mais concernente à relação aluno-escola.

Segundo Axia (2003), a timidez é uma variante absolutamente normal da condição humana, existindo pessoas que nascem tímidas e pessoas que desenvolvem a timidez, ou seja, nesse processo, como em muitos aspectos da nossa vida, o que é importante é a trajetória de vida, o tipo de caminho que cada pessoa percorre, os ambientes pelos quais ela passa, as pessoas com as quais interage.

Dessa forma, nota-se a importância de um olhar cuidadoso dos pais e professores para o comportamento social das crianças, suas interações e formação de sua autoestima. Este artigo tem o objetivo de investigar a timidez infantil e sugerir algumas estratégias de intervenção, visando o desenvolvimento de habilidades sociais na infância.

A timidez traz para a criança danos emocionais, comportamentais e pedagógicos. As crianças, por volta dos 4 ou 5 anos, começam a ser capazes de perceber as consequências dos seus atos. Por isso, é importante que pais e educadores fiquem bem atentos quando a criança fizer algo errado, para darem a ela a oportunidade de se desculpar e reparar seu erro, pois, quando a criança comete algum equívoco e é castigada de forma severa, desproporcional e não é desculpada, entende que errar é terrível demais e tende a criar no seu íntimo um censo crítico muito rigoroso sobre si mesmo, que coloca em xeque todas as suas ações. A partir daí, ela retrai-se, isola-se, não se arrisca e sente muito medo de errar. Enfrenta a culpa e a solidão sentindo-se inadequada. Tenta se preservar a todo custo e aprende a não ser ela mesma, pois isso lhe causa muita vergonha.

No presente trabalho, abordei a timidez na infância, suas causas e consequências no desenvolvimento dos indivíduos, sustentando que é possível intervir sem deixar de respeitar a personalidade da criança que se apresenta retraída. Iniciei a busca em bases teóricas e práticas, que visam a ilustrar como ajudar crianças tímidas a superarem sua timidez e a se desenvolverem com

mais facilidade no meio social, escolar e familiar, tendo papel fundamental nesse trabalho de desenvolvimento, a atuação do professor, desde o início da Educação Infantil.

A razão da escolha do tema dá-se ao fato de entender que a timidez tem influência na formação integral da criança e porque acredito que, quanto mais cedo intervirmos, mais chances há de ajudá-la a vencer essa barreira e a se desenvolver nos meios sociais. Diante disso, percebo que o assunto é de grande relevância para os futuros pedagogos, visto que, tendo maior conhecimento a respeito da timidez, estarão mais capacitados para auxiliar como mediadores no processo de aprendizagem do aluno.

A timidez tem-se tornado, na atualidade, uma temática de ampla discussão social, principalmente dos livros de autoajuda que, por sua vez, estão sempre voltados para o bom relacionamento e para o sucesso pessoal. Entretanto, não existem muitas pesquisas científicas que relacionem a timidez e suas implicações para o processo de aprendizagem das crianças. Segundo Casares e Caballo (2004), é na interação com seus pares que se desenvolvem as habilidades sociais, ou seja, se a escola e o aprendizado são feitos e construídos por meio das relações sociais, tem-se convicção de que ela se torna fundamental no desenvolvimento das habilidades sócio interacionais no cotidiano das crianças.

Já é lugar-comum dizer que as práticas pedagógicas tradicionais determinam um sistema vertical de professor no qual só ele sabe e só ele ensina, e o aluno se torna um depósito de conhecimentos. Entretanto, ainda hoje, apesar de tantas inovações e de práticas pedagógicas atualizadas e construtivistas, existe um grande percentual de crianças e adolescentes sofrendo, nas escolas, as consequências do seu comportamento tímido sem serem assistidos. Partindo dessa problemática, entendemos que se faz estritamente necessário que haja professores mais sensíveis e, principalmente, que sua formação lhes proporcione conhecer tal característica, para que, em sala de aula, possam conduzir seus alunos a um processo de aprendizagem com menos obstáculos.

2. DESENVOLVIMENTO

Segundo Libâneo (1998), a educação associa-se a um processo de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes e valores. É intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação que favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural, sendo seu conteúdo de mediação, saberes e modos de ação. A pedagogia ocupa-se da educação intencional e como tal, investiga os fatores que contribuem para a construção do ser humano. Ela reconhece o aluno como sujeito do processo de socialização e de aprendizagem e o pedagogo é o profissional que lida com os fatos, as estruturas, os contextos, as situações referentes à prática educativa em suas várias modalidades e as manifestações.

Diante das mudanças da sociedade e das transformações contínuas das relações interpessoais, a escola encontra-se em um processo lento, mas gradual, de modificação, tornando-se um fenômeno plurifacetado. A modernidade, segundo Ghiraldelli Júnior (2006), reconstrói o termo na medida em que o associa à utopia educacional, deixando para trás as conotações ligadas às ideias de que a pedagogia se limitaria à “condução de crianças” e de “preceptorado”. Dessa forma, temos uma escola mais focada na formação de sujeitos que tenham suas singularidades vistas e respeitadas no processo de ensino-aprendizagem para que se sintam sempre inseridos no contexto escolar. É assim que se conforma a pedagogia como ciência da prática da educação, ou seja, seu ponto de partida é a prática e a ela se dirige.

Sendo a educação primordial para o desenvolvimento da criança, sabe-se que ela está presente em diversos lugares: em casa, na rua, na igreja ou na escola, de forma que todos nós estamos envolvidos com ela, seja para aprender, para ensinar ou para aprender-e-ensinar, e é nesse quesito que se defende uma educação horizontal, sobre a qual Ghiraldelli Júnior (2006) aponta os estudos piagetianos sobre a necessidade de colocar as crianças em ação com a manipulação de materiais, devendo-se também levá-las a tomar consciência da ação, o que implicaria em uma escola que não as fizesse somente escutar, mas também as colocassem em situação de fazer e de

falar, permitindo o diálogo e a interação, tornando-se assim uma escola mais crítica e ativa.

O curso do desenvolvimento social se dá na condição do processo educacional, que constitui uma forma original de colaboração entre o pedagogo e a criança. Colaboração essa, cujo processo ocorre no amadurecimento das funções psicológicas da criança com o auxílio e com a participação do adulto. Sabe-se, entretanto, que tal processo não se limita à influência do ambiente escolar, mas, também, sofre a influência do ambiente familiar, sendo de extrema importância que ambos caminhem em parceria para que haja um melhor desempenho do aluno, seja ele tímido, extrovertido, imperativo, autista, surdo, disléxico, dentre tantas outras singularidades.

Segundo Vygotsky (2009), desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. É o aprendizado que possibilitará o despertar de processos internos, à medida que o indivíduo se puser num ambiente social determinado e na relação com o outro nas diversas esferas e níveis da atividade humana (VYGOTSKY, 2009).

A teoria vygostskyana mais propagada, chamada de Zona de Desenvolvimento Proximal, diz que a distância entre o nível de desenvolvimento real costuma ser determinada por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial é determinado por meio da capacidade de solucionar problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. Ou seja, aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje ela conseguirá fazer sozinha amanhã.

A partir dessa teoria, acredita-se que a interferência de outros indivíduos no processo de desenvolvimento e aprendizagem é transformadora. Logo, se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial no desenvolvimento da criança. É fundamental que se considere o nível de desenvolvimento real da criança e o seu nível de desenvolvimento

potencial, visto que ela não tem condição de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado.

É neste ponto que a relação aluno-professor torna-se fundamental para o desenvolvimento. Se as interações produzem intervenções significativas no desenvolvimento do ser, tem-se a possibilidade de que o professor ajude na formação de crianças menos tímidas e mais seguras, visto que a timidez não é uma dificuldade de aprendizagem, mas sim um problema de convívio social.

Segundo o dicionário, timidez significa acanhamento excessivo, fraqueza, aquele que tem temor, é assustado, medroso, receoso, sem coragem, débil. Casares e Caballo (2004) descrevem a timidez como um comportamento social retraído e passivo, provavelmente associado à inatividade, à apatia, à indecisão, à insegurança, à submissão, à indiferença, à lentidão, à ansiedade, ao medo, aos pensamentos negativos, à baixa autoestima, ao julgamento negativo de si, entre outras condutas.

A timidez pode ser definida como uma ansiedade social, uma vergonha, um medo, um comportamento retraído e inibido, uma insegurança. Nessa perspectiva, segundo Axia (2003), a timidez é uma condição humana universal que se desenvolve devido a certos aspectos intrínsecos. Ela afirma que a timidez pode ser conceituada como sendo um medo de falar diante de outras pessoas que o tímido não consegue esquecer ou pôr de lado, pois esse temor dispara nele sensações físicas tais como tremedeira, tom de voz baixo e enrubescimento. A pessoa tímida luta para não ter tais sensações e, simultaneamente, para não as tornar perceptíveis. Portanto, para a autora, a timidez é uma sequência de sensações que envolve extremo medo em algumas circunstâncias sociais, sobretudo as novas, diferentes e desconhecidas.

A timidez prejudica o bem estar do indivíduo e é um mal que pode atuar em silêncio, prejudicando os objetivos pessoais, profissionais e sociais. Para Monjas Casares (2006), a timidez na infância é um problema que traz mal-estar e sofrimento para a criança e constitui uma série de dificuldades para seu crescimento social, familiar e acadêmico. A criança tímida tende a se isolar por medo de situações constrangedoras que a intimidam e ela, então, tende a ter

dificuldade de acreditar em si mesma. Entretanto, sabe-se que a linguagem e as relações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento e a humanização da criança no âmbito escolar e no processo de aprendizagem.

Motta Filho (1969) assegura que “a consciência da incapacidade, o medo do fracasso diante dos outros, o receio do juízo alheio, a preocupação de que vai errar ou de que, acertando, não será compreendido” compromete, de modo significativo, a ação social do indivíduo tímido. E mais: de acordo com o autor, o tímido entra em constante conflito diante da vontade de acertar, e tais percepções subjetivas acabam por constituírem “as notas mais vivas da sua timidez”.

É neste ponto, também, que se pode afirmar que a timidez é um enorme prejuízo para o indivíduo que está em sala de aula. Um aluno que precisa fazer uma pergunta ao professor, apresentar um trabalho em grupo ou individual, iniciar um diálogo com um colega, ou até mesmo, ir ao banheiro, participar das aulas de educação física terá dificuldade, isso porque a pessoa tímida tende a ter preocupação excessiva de errar, medo de chamar a atenção para si, de se achar incapaz de fazer algo e muitas vezes preferir deixar de fazer a tentar.

A timidez dá sinais desde a infância e prejudica tanto no processo de aprendizagem quanto no de socialização com os colegas de escola. As nossas ações tendem a começarem nossa mente e, com a timidez, não é diferente. Quem é tímido tende a sofrer antecipadamente simplesmente porque fica pensando excessivamente em como será certa situação antes mesmo dessa acontecer. Já dizia um sábio que "quem sofre por antecipação, sofre duas vezes" e, realmente, isso é uma realidade. A timidez faz a pessoa pensar sempre no que pode dar errado e não no que pode ser bom para ela em determinada situação.

Sendo assim, em momentos de maior interação e de agir ativamente sobre o conhecimento, seja na apresentação de um trabalho ou na resolução de dúvidas, o aluno passa a achar que não será capaz de explicar um determinado assunto com firmeza, principalmente porque acredita que todos da sala olharão para ele. E é dessa forma que a timidez trava e impede o desenvolvimento completo do indivíduo que, muitas vezes, tem um potencial

incrível, mas, por ser tímido e não ser orientado ou auxiliado a respeito disso, esse potencial fica estático.

De acordo com os estudos referentes à timidez, é muito importante que os professores estejam aptos a trabalharem com alunos tímidos. Isso porque, para qualquer discente, em qualquer faixa etária, a relação que se desenvolve com o professor é fundamental. A criança tímida dificilmente terá problemas com indisciplina ou irresponsabilidade, e é por isso que, muitas vezes, ela não é notada pelo educador, que tende a dar mais atenção aos alunos mais agitados e indisciplinados. O aluno tímido fará o possível para passar despercebido, para não causar tumulto, para não sentir que está, de alguma forma, atrapalhando a aula, evitando assim ser notado. E é então que, a atenção do professor precisa ser redobrada, pois ele tende a achar que este aluno não quer participar das aulas, é lento e tem dificuldade em aprender.

Muitas vezes, os professores acabam se concentrando apenas naqueles alunos considerados “problemáticos” e negligenciam os demais que estão quietos, sem se dar conta de que esses alunos podem estar enfrentando inúmeros problemas, especialmente os relacionados à autoestima. Ou seja, o aluno tímido não é aquele que dá trabalho em sala de aula, mas ele precisa de um mediador que o auxilie no processo de socialização.

A criança tímida, para sua própria segurança, tende a ser dedicada aos estudos, a fazer as atividades, a ler mais, entretanto, ainda assim, ela precisa ser desafiada pelo educador, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação ao amadurecimento dos seus relacionamentos no contexto escolar. Mas como isso pode ser feito? É primordial, por exemplo, que o professor não coloque o aluno em situações de enfoque e de constrangimento. Ele deve ser desafiado, é claro, e o professor deve ser sensível ao perceber quem são os alunos que não costumam expor tanto suas opiniões costumeiramente e, com isso, devem ter abordagens que os incluam no contexto de sala de aula. Seria interessante, também, o aluno, o professor e a direção pedagógica trabalharem em conjunto com a família e com um acompanhamento psicológico para que esse problema seja minimizado e até sanado.

Segundo Eisen e Engler (2008), nem sempre as pessoas conseguem lidar com as crises sociais, emocionais e de relacionamento com colegas, principalmente se não tiver um suporte adequado. Ou seja, a relação entre os pais e a escola precisa ser de solidariedade, é preciso que esses pares caminhem juntos para que haja um bom desenvolvimento da aprendizagem da criança tímida. O isolamento e a introspecção excessiva, em sala de aula, são comuns em crianças com baixa autoestima, tendo a escola, assim, um papel importantíssimo na constatação da timidez e também na informação dos pais sobre como seu filho se comporta em grupo.

Segundo Axia (2003) existem diversos comportamentos que evidenciam as diferenças entre a criança tímida e a criança desinibida. São esses comportamentos que auxiliarão pais e educadores a identificarem a timidez na criança. O primeiro deles se evidencia nas relações sociais, pois as crianças tímidas, quando postas com crianças desconhecidas da mesma faixa etária, demonstram indiferença ou olham para os colegas sem interagir com eles, preferindo ler ou desenhar em vez de brincar. Outro aspecto que evidencia a timidez é que essas crianças normalmente não são dadas a expressões, sorriem e riem pouco. Além disso, costumam falar menos que as outras e, quando falam, limitam-se ao essencial, pois preferem o silêncio. Se atentos a todas essas características, os pares presentes na vida do indivíduo tímido podem, de forma muito mais eficaz, auxiliá-los em seu processo de socialização.

Existem diversas críticas aos cursos de licenciaturas, especialmente ao que se refere à sua ineficiência em preparar o futuro professor para lidar com as diversas singularidades do aluno. Entretanto, é preciso entender que, o educador não se torna um produto finalizado e pronto assim que o curso acaba; ao contrário, é na prática escolar e no contato com a pluralidade dos sujeitos que ele torna-se, de fato, professor. Mas, ainda que não haja esse preparo, existem abordagens como o uso do lúdico, que facilitam o processo de aprendizagem da criança, seja ela tímida, disléxica, portadora de deficiência ou com alguma outra singularidade.

Em conformidade com Almeida (1998), as atividades lúdicas especificam “[...] as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social,

cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras”. A ludicidade é apontada em diversos estudos não apenas como uma brincadeira, mas, sobretudo, como uma necessidade humana.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento(SANTOS, 1997).

Dessa forma, o lúdico quando usado de forma intencional por um adulto para estimular a aprendizagem, transforma o contexto educativo. O professor pode, por meio da ludicidade, valorizar a criatividade, cultivar a sensibilidade e buscar a afetividade, proporcionando aos alunos vivências de aprendizagem prazerosa.

Conforme Almeida (2004), observar ajuda o professor a fazer uma análise mais intensa e profícua sobre o aprendizado. É o olhar individualizado que faz com que o professor, que tem como princípio o respeito mútuo, possa diagnosticar e levar seus alunos ao desenvolvimento. De acordo com a teoria walloniana, defendida

[...] o professor precisa ser um arguto, lúcido, constante observador de seu aluno. Observador da criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada; observador da criança em cada um de seus domínios funcionais (ALMEIDA, 2004).

Observar a criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada, reconhecendo sua etapa de formação e os meios em que se desenvolve, respeitar seu ritmo de desenvolvimento, oferecer outros meios e grupos para que ela possa desenvolver suas ações e desafiar seu aluno a tornar-se cada vez mais autônomo é o que podemos definir como educar, ou seja, educar significa promover condições que respeitem as leis que regulam o processo constante de desenvolvimento do aluno.

Freire (2006) afiança que a relação educador-educando deve ocorrer de maneira respeitosa e dialógica, acatando a autonomia e criticidade do discente, sob pena de, em caso contrário, o educador suscitar no aluno um espírito de timidez ou de rebeldia.

Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando. Pelo contrário, quando o pensamento crítico do educador ou da educadora se entrega à curiosidade do educando. Se o pensamento do educador ou da educadora anula, esmaga, dificulta o desenvolvimento do pensamento dos educandos, então o pensar do educador, autoritário, tende a gerar nos educandos sobre quem incide, um pensar tímido, inautêntico ou, às vezes puramente rebelde. (Freire, 2006).

Seja qual for a singularidade do aluno, o professor precisa realizar o seu papel enquanto mediador de forma consciente e, auxiliar o aluno em seu processo de aprendizagem, respeitando toda e qualquer característica inerente à criança.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho percebeu-se a importância que o professor exerce na formação da criança e em suas relações sociais. A observação e identificação, por parte do educador, bem como da família, das características da timidez na criança pode ser o primeiro passo para se promover um melhor desempenho e desenvolvimento dessa criança, visto que, assistida, poderá receber acompanhamento e mediação adequados que respeitem as suas particularidades.

Na maior parte das vezes, as crianças tímidas apresentam grande dificuldade de socialização e caberá então, além de à família, também ao professor, auxiliá-lo pelo percurso da socialização, de extrema importância para a existência humana.

Então, o que fazer para incluir esses alunos? A partir das observações e das leituras, seria de grande valor colocar o aluno tímido perto da mesa do professor, a fim de permitir que ele possa falar mais facilmente, sem medo de julgamentos. Outro ponto importante seria o docente estabelecer contato com o aluno tímido, a fim de desenvolver uma relação de confiança entre aluno e professor. Procurar saber o porquê de o aluno ser tímido e oferecer ajuda

nesse quesito pode ser mais uma ação do docente, bem como oferecer atividades de integração e compreensão por parte dos outros colegas, entre tantos outros.

Evidentemente, a socialização da criança tímida não é papel apenas do professor. O desenvolvimento desse aluno contará com a colaboração de todos os pares que o cercam: família, equipe pedagógica, professores, colegas de classe; mas se reconhece que a relação aluno-professor é marcada por maior interação e comunicação no contexto escolar, além de o educador ser o principal mediador no processo de ensino-aprendizagem cabendo, dessa forma, ao docente em relação ao seu aluno, mais atenção e dedicação.

Se até aqui se percebeu que os alunos tímidos recebiam pouca atenção dos professores, busca-se com esse trabalho alertar a todos os educadores sobre a importância de se notar esses alunos e integrá-los, além de levar o corpo docente das escolas a repensar suas práticas pedagógicas e, dessa forma, potencializar o desenvolvimento de todo e qualquer aluno, respeitando as diversas singularidades e características inerentes à criança.

Por mais que a timidez não seja um fator determinante da dificuldade de aprendizagem, ela limita o desenvolvimento de todo o potencial da criança. Um aluno tímido pode se desenvolver cognitivamente, não ter dificuldade com as disciplinas, conseguir realizar as atividades e efetivamente aprender o que o professor ensina, entretanto, permanecendo tímido, ele pode não se desenvolver socialmente, não potencializar todo o seu aprendizado, não crescer como ser humano na totalidade, e esses são riscos e perdas significativas a qualquer indivíduo.

Enfim, esta pesquisa indica caminhos para superar os conflitos que surgem no desenvolvimento de nossas crianças, como a timidez e suas implicações. Revelamos estratégias que podem ser utilizadas pelos professores e equipe pedagógica da escola na busca da integração dessas crianças na vida social. Professores, família, equipe pedagógica, colegas, todos somos, de alguma forma, responsáveis pelas relações sociais e interpessoais de nossas crianças e é o olhar atento às singularidades e os princípios de respeito mútuo que podem promover essa interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1998.
2. ALMEIDA, Laurinda R. de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). Henri Wallon psicologia e educação. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
3. AXIA, G; **Timidez: Um dote precioso do patrimônio genético humano**. São Paulo, 2003.
4. CASARES, M. I. M. & CABALLO, V. E. (2004). A timidez infantil. In Silveiras, E. F. M. (org). **Estudos de caso em psicologia comportamental infantil**. Vol II. Campinas: Papyrus.
5. EISEN, Andrew R.; ENGLER, Linda B. **Timidez. Como ajudar seu filho a superar problemas de convívio social**. São Paulo: Editora Gente, 2008.
6. FREIRE. Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. – notas: Ana Maria Araújo Freire**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
7. GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos; 193)
8. LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
9. MONJAS CASARES, Maria Inês. **A Timidez na Infância e na Adolescência**. Editora Pirâmide, 2006.
10. MOTTA FILHO, Cândico. **Ensaio sobre a timidez**. São Paulo: Livraria Martins, 1969.
11. SANTOS, S, M. P. dos. (org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
12. VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2º Ed. 2009.